

INFORMATIVO CRUCKS

EDIÇÃO ESPECIAL

ACONCÁGUA (15/12/97 – 08/01/1998)

A idéia surgiu há alguns anos porém, não havia Know-How. Em marco de 1997 (apresentado e aprovado pela ACM - Associação Caxiense de Montanhismo), foi tomada a decisão, vamos escalar o Aconcágua. O projeto teve início com pesquisas na internet e com colegas que já haviam ido ao Aconcágua. Após intensas pesquisas, o projeto estava pronto, era só vendê-lo, o mais difícil. O projeto dividiu-se em quatro cotas de 2.048,00 e a rota escolhida para escalar o Aconcágua era o Glaciar de Los Polacos.

O projeto foi apresentado a várias empresas de Caxias. Em junho a Universidade de Caxias do Sul, através do projeto UCS Olimpíada 2004 (Alexandre Ziles, o barata) adquiriu uma das cotas e com isto também deu início a nossa preparação física através de contatos feitos com o Didjo do Centro Esportivo Pranadar. Teve início a preparação física. A orientação era produzir um aumento da resistência aeróbia e anaeróbica. No início eram duas horas de musculação (teacher Cristiane) duas vezes por semana. Um mês após, três vezes por semana e logo após, a natação (com Rogério e Andréa).

Nesse período fizemos um teste de resistência física e pulmonar, com a professora Olga, junto a UCS. Estávamos a pleno vapor. A corrida atrás de outros patrocinadores tinha sido travada pela própria UCS que tentou vender o projeto (incluindo veiculação na mídia, um repórter e um cinegrafista à expedição) a algumas grandes empresas. Sem êxito, o projeto foi-nos devolvido em outubro e a UCS continuou com uma cota.

A venda do projeto tornou-se então, bem mais difícil. Ao mesmo tempo, o treinamento estava perfeito, de segunda a sexta, natação e musculação.

A dificuldade em vender o projeto acabou a trinta dias antes da data da saída e alterou o projeto original. A segunda cota foi vendida a CIA FIOFORTE, através do Sr. Flavio Buseti e a rota de ascensão alterada para a Noroeste ou Normal, possibilitando assim a realização do projeto com apenas duas cotas vendidas. Todavia, dessa forma, os apoiadores passaram a ter um importante papel na expedição.

Dentre os apoiadores do projeto, a Scalco Laboratório fotográfico responsabilizou-se em fornecer os filmes fotográficos e a revelação, as fotografias e os slides, que são grande parte do material de divulgação da expedição. Posteriormente a Ananda Granola Caseira, que esteve presente em todos os cafés da manhã, durante toda a expedição, e a Vitamed com complementos vitamínicos. Em seguida a Sultextil que forneceu tecidos para serem confeccionadas camisetas e os tecidos para primeira e segunda camadas de agasalho que eram de Polipropileno e Algodão respectivamente e a Belfibras que nos forneceu material para confecção da japona que seria um dos agasalhos mais confortáveis. A Flytour viagens e turismo cedeu-nos as carteiras de albergue da juventude internacional e cartões telefônicos internacionais. A Dinaço responsabilizou-se pelos nossos seguro-saúde. Outro apoiador foi a Foca, Swim Brazil, Desk Top Design, Copitec e Posto São Luiz.

15 de dezembro de 1997. Saindo de Caxias do Sul (800m), Brasil, para Mendoza (800m) na Argentina, Juliano e Marcelo passando por Santa Fé e o Paulo por Buenos Aires.

17 de dezembro. Em Mendoza passamos duas noites no Albergue Campo Base. Lá, em Mendoza, compramos o restante do equipamento, obtivemos a permissão para escalar o Aconcágua (Na secretaria de Recursos Naturais Renováveis no Parque Gen. San Martin) e organizamos novamente nosso equipamento.

19 de dezembro, Puente del Inca, 2700 metros acima do nível do mar, vilarejo de onde partem as expedições ao Aconcágua e importante base militar. Lá passamos três noites. Encaminhamos nossos mantimentos (para cerca de 25 dias) com Sebastian Tetilla guia de alta montanha e contato para aluguel de mulas que faziam o transporte de carga (aproximadamente 90 kg, e basicamente alimentos e equipamentos) a um custo de 120 dólares a primeira mula e 60 dólares as seguintes, cada mula carregava no máximo 60 kg até o campo-base em Plaza de Mulas. Ainda em Puente del Inca, subimos e Cerro Quebrada Blanca com 4203m, já iniciando a fase de aclimação (acostumar o organismo a altitude) e fizemos nosso último contato telefônico.

22 de dezembro. Entramos no Parque Provincial do Aconcágua, tínhamos 21 dias para concluir a expedição. Da entrada do Parque são 12 km até o primeiro acampamento denominado Confluência, 3300m. Confluência é o nome dado à junção do rio Horcones Superior com o Inferior, provenientes do Leste e do Oeste do Aconcágua. São 3 a 4 horas de caminhada já sentindo os efeitos da altitude . Como um oásis no deserto dos andes centrais Confluência é ponto de partida para inúmeros trekkings de aclimação (base da parede sul, cerro Almacenes, base do cerro Tolosa, e alguns cerros aos arredores) fizemos a caminhada até a base do Tolosa. O caminho que inicia com pequenas coxilhas passa por um planalto e continua com boulders e penitentes (esculturas de gelo) até que num campo de neve a aprox 4000mts uma ruidosa nuvem vinda do oeste nos fez reduzir o tempo que permaneceríamos na base e retornamos a Confluência acompanhados de um grupo de Suícos que haviam subido ao cerro "Mathias". No início da noite, às 21h30m a temperatura caiu e iniciou uma fraca precipitação de neve acompanhada quase sempre pelo vento.

Ainda em Confluência passamos o Natal, na barraca do guarda-parque, acompanhados de expedições de todo o mundo. Uma grande miscigenação e troca de conhecimentos.

25 de dezembro. Partimos em direção a Plaza de Mulas, 4200m. Um trecho de aproximadamente 28 km levemente inclinado com vento contra e o tempo fechado que faziam a temperatura cair muito principalmente no trecho denominado Playa Ancha. No decorrer do percurso pudemos observar algumas grandes montanhas que se destacam, entre eles o Cerro Tolosa, Cerro México e Cerro de los Dedos. Entre Plaza de Mulas Inferior e a Superior (atual acampamento-base) encontra-se a Cuesta Brava, um trecho pequeno porém de grande inclinação e que custamos muito a ultrapassar. Passamos três noites em Plaza de Mulas, onde pudemos descansar. Em "mulas" construímos uma murada de pedra ao redor da barraca para proteção do vento, levou um dia, consultamos a equipe médica (a disposição no acampamento-base) e retiramos nossos equipamentos junto ao mulreiro. Em "mulas" ainda pudemos observar a força de uma avalanche, em um dos glaciares do Cerro Cuerno, ponto onde se fecha o vale de Horcones Inferior. Além do Cerro Cuerno 5018m, ergue-se também o Cerro Catedral, 5295m e o cerro Bonete 5100m.



*EL HONGO - COGUMELO QUE SE
FORMA AO REDOR DO CUME
DO ACONCÁGUA, FORMANDO
UM MICRO CLIMA QUE TORNA
MAIS PERIGOSA A TENTATIVA DE
CHEGAR AO CUME. VISTA DE PLAZA DE MULAS 4200m.*



Cerro Cuerno visto de Plaza de Mulas.

Face Norte do Aconcágua
visto de Nido de Condores 5.350m
aonde se tem a melhor noção de
distância até o cume.



Famosa Canaleta da Via Noroeste.

Juliano no Cume
ao lado Cruz
juntamente com
alpinistas Norte
Americanos e
Franceses





Parede Sul vista do Cume Norte.

28 de dezembro. De Plaza de Mulas, ao estilo himalaiano (Sobe para levar parte do equipamento e retorna para dormir. No dia seguinte sobe novamente levando o restante e permanece. Assim, sucessivamente.) subimos até Plaza Canadá, 4950m. O trecho é fortemente inclinado e o caminho é em zigue-zague, deixamos alguns equipamentos ao lado do acampamento de outra expedição de gaúchos e descemos novamente a base em Plaza de Mulas. Durante a ascensão à Canadá o vento e as baixas temperaturas nos acompanharam novamente. 29 de dezembro. Dia de tempo extremamente ruim com 'El Hongo' se mostrando diversas vezes e anunciando as piores condições de ascensão, dia dedicado também ao descanso.

30 de dezembro. Aniversário de Marcelo que levantou altamente motivado para subir, saindo antes de todos, Paulo vai ao médico que dá um diagnóstico nada agradável: acúmulo de líquido nos pulmões, forçando a ficar no campo base por mais dois dias, Juliano também consulta e não são constatados maiores problemas. Juliano e Marcelo passam a noite em Canadá. "Não dormimos devido aos fortes ventos de até 60 km/h porém um anoitecer fantástico".

31 de dezembro, em um contato feito por rádio e após nova consulta médica Paulo inicia a subida para Canadá, porém a 300m acima da base sente-se mal e retorna. Marcelo e Juliano carregam parte do equipo à Nido de Condores. No final do dia os membros da expedição se reúnem na base para confraternizar a passagem de ano com outros montanhistas, início de tempo bom, sem vento.

01 de janeiro de 1998, um dia de muita caminhada. De Plaza de Mulas nós (Juliano e Marcelo) fomos a Canadá onde almoçamos, descansamos um pouco e prosseguimos a Nido de Condores, 5350m onde acampamos. "A visão da face norte do Aconcágua é fantástica, bem diferente dos acampamentos inferiores. O cume agora parecia estar bem mais próximo".

02 de janeiro, dia de descansar e certamente permanecer várias horas (mais de cinco) em frente ao fogareiro derretendo gelo, a única forma de obter água. Nido de Condores é um platô e dali se avistam muitas das montanhas que nos acompanhavam há dias, como o Cerro Cuerno e o Catedral e, bem ao fundo e a leste o Mercedário 6770. Dali batemos muitas fotos.

03 de janeiro, dia do ataque ao cume. Fomos acordados pelo Antônio, de Porto Alegre, que estava acampado ao nosso lado, precisamente as 04:18h, ele era o único que tinha relógio. Largar do caloroso saco de dormir não foi tão difícil devido a ansiedade. Aproximadamente 06:00h partimos em direção ao refúgio Berlin, 5800m, acompanhados de um fantástico amanhecer. Levamos a mochila com 1,5 litros de água cada um e uma japonesa, além de algumas guloseimas e chocolates e demoramos aproximadamente 01:30h. Em Berlin existem 3 refúgios, dois deles destruídos e resta um de 1,5m de altura por 1,5 de largura, em formato canadense de madeira. De Berlin a Independência, 6100m e último refúgio, foram aproximadamente 02:00h. Nesses pontos normalmente bebíamos e comíamos um pouco. Marcelo começou a sentir leves dores de cabeça. De Independência fomos em direção ao Gran Acarreo, uma grande travessia, a aproximadamente 6300/6500m em direção à Canaleta. O fim do Gran Acarreo e o início da Canaleta, 6600m é uma das partes mais difíceis. Há uma mudança brusca de inclinação do terreno, onde as pedras de até meio metro rolavam facilmente (ou três passos para frente e dois

para trás). As dores de cabeça aumentaram para Marcelo e forçaram-no a parar, na entrada da Canaleta. Ali também havíamos deixado as mochilas, na tentativa de aliviar ao máximo o peso e facilitar a ascensão. Juliano continuou. “Tentei subir o início da Canaleta escalando pelas pedras e estava muito difícil então desci um pouco e voltei a subir pela extremidade direita da Canaleta, onde havia uma camada de gelo, de aproximadamente quatro metros de largura e que seguia rente a rocha e acima. Subi por ela e por algumas pegadas já formadas por outros escaladores deste verão. Esta parte então, tornou-se um pouco mais fácil e prossegui por mais uns 150m e parei, muito cansado e pensando em desistir. a 150m de cume. Alcançou-me um francês que aproveitei para trocar algumas informações cruciais que me auxiliaram muito no restante da subida. As distâncias mais pequenas eram absurdamente lentamente ultrapassadas. A altitude e seus efeitos me faziam parar a cada cinco minutos, a respiração extremamente ofegante, tentando capturar o máximo possível de oxigênio. Alcançar o cume estava se tornando uma tortura, os pensamentos eram “curtos e grossos” ou seja, direcionados apenas em permanecer com a consciência plena dos fatos.

“Aproximadamente às 13:00h cheguei no cume do Monte Aconcágua, a 6959 metros acima do nível do mar. Lá, além do francês estavam mais quatro americanos. Todos aparentemente muito bem, descansei um pouco, dei um grito (todos me olharam...) e fui bater as fotografias. O lugar é lindo assim como toda a Cordilheira dos Andes. De lá observa-se todos os outros grandes picos próximos ao Aconcágua. Ainda restava voltar...Recém descendo do cume encontrei o espanhol Henrique, que vinha acompanhando-nos desde “mulas” e disse-me que Marcelo havia descido pelo Gran Acarreo com certo auxílio de outros montanhistas. Voltar a Nido de Condores, devido ao enorme cansaço, levou aproximadamente 06:00h. e no caminho encontrei um carregador que falou que Marcelo estava bem e na barraca. Devido a grande demora para descer acabei encontrando novamente o espanhol e chegamos juntos em Nido. Marcelo estava deitado na barraca, fiz um alongamento, tomei uma sopa e dormi.

04 de janeiro. Paulo chega ao acampamento de Nido de Condores, 5350m e junta-se novamente ao grupo.

Em consenso, decidimos descer e, no mesmo dia, dormimos em Plaza de Mulas.

05 de janeiro. De “Mulas”, acompanhado do grupo espanhol, descemos até Confluência em aproximadamente cinco horas, onde dormimos. 06 de janeiro. Em Confluência encontramos o Beto, de Florianópolis, trocamos várias informações, o cara foi tri legal. No fim da tarde descemos a Puente del Inca, onde passamos a noite.

07 de janeiro. As 11:00h partia o ônibus para Mendoza e no mesmo dia para Santa Fé.

09 de janeiro de 1998. Chegamos em Caxias do Sul.

12 de janeiro. Iniciam-se as reportagens de divulgação do projeto.

Agradecemos especialmente aos patrocinadores UCS - Olimpíada 2004, Cia FIOFORTE, Pranadar e a Associação Caxiense de Montanhismo. E também aos 12 apoiadores que foram de forte importância para a execução do projeto.

DESTINATÁRIO: